



NICOLAS ROUBAKINE PELAS LENTES DE UMA TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

NICHOLAS RUBAKIN THROUGH THE LENSES OF A CRITICAL THEORY OF INFORMATION

Amanda Salomão¹

 [0000-0002-0663-2055](https://orcid.org/0000-0002-0663-2055)

Arthur Coelho Bezerra²

 [0000-0001-5445-6263](https://orcid.org/0000-0001-5445-6263)

RESUMO

No escopo dos estudos epistemológico-históricos e sociocríticos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, o texto tem como objetivo refletir sobre as possíveis aproximações entre a teoria bibliopsicológica desenvolvida pelo bibliotecário russo Nicolas Roubakine (Rubakin) nas décadas de 1880 a 1920 e a teoria crítica desenvolvida a partir dos anos 1930 pelos membros do Instituto para Pesquisa Social, internacionalmente conhecidos como Escola de Frankfurt. Especificamente, interessa investigar, à luz da Biblioteconomia e Ciência da Informação, se e sob quais condições o pensamento roubakiniano, centrado para e pela leitura como instrumento de transformação social, apresenta convergências com os pressupostos críticos frankfurtianos, que irão servir de base para a proposta teórico-metodológica de uma teoria crítica da informação. A proposta, de fundo teórico, exploratório e abordagem qualitativa, adota critérios de pesquisa bibliográfica e histórica no âmbito da epistemologia em Biblioteconomia e Ciência da Informação e da perspectiva da teoria crítica no campo, partindo, de um lado, dos construtos teórico-metodológicos tecidos por Roubakine sobre a leitura e, por outro, dos pressupostos teórico-críticos trazidos pelos filósofos frankfurtianos Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Esses aportes são discutidos no âmbito informacional a partir de Arthur Coelho Bezerra e Gustavo Saldanha, pela via dos estudos críticos em informação. Nos resultados, elencam-se três categorias de análise que apontam para possíveis relações entre ambas as teorias: fundamentação teórica; estrutura metodológica; e práxis transformadora. A pesquisa conclui que, na teoria bibliopsicológica roubakiniana, sobressai uma dimensão sociocrítica voltada para a Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto campo científico comprometido com a transformação social.

Palavras-Chave: Bibliopsicologia; Nicolas Roubakine (Rubakin); Teoria crítica; Teoria crítica da informação; Leitura.

Artigo submetido em 23/08/2023 e aceito para publicação em 29/12/2023.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: amandachrisalomao@msn.com.

² Doutor em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. E-mail: arthurbezerra@ibict.br.

ABSTRACT

In the scope of epistemological-historical and social-critical studies in Library & Information Science, this paper aims to reflect on the possible intersections between the bibliopsychological theory developed by the Russian librarian Nicholas Rubakin in the 1880s and 1920s and the critical theory developed in the 1930s by members of the Institute for Social Research, internationally known as the Frankfurt School. Specifically, this essay attempts to investigate, in the light of Library & Information Science, whether and under which conditions the Rubakinian thought, centered for and by reading as an instrument of social change, presents convergences with Frankfurt's critical theory, which serves as a theoretical and methodological basis for the critical theory of information. This study is exploratory, theoretical and based on a qualitative approach. Besides, it adopts a bibliographical and historical research criteria within the scope of the epistemology of Library & Information Science and the perspective of critical theory. The theoretical concepts employed in this research are founded on Rubakin's approach to reading and on the critical theory, according to the philosophers of Frankfurt School Max Horkheimer and Herbert Marcuse; these contributions are complemented by the works of Arthur Coelho Bezerra and Gustavo Saldanha on critical theory of information. The results indicate three categories of analysis that suggest that there is an association between critical theory and bibliopsychology: theoretical foundation; methodological structure; and transformative praxis. The research concludes that, in Rubakin's bibliopsychological theory, a socio-critical dimension stands out, focused on Library & Information Science as a scientific field committed to social change.

Keywords: *Bibliopsychology; Nicholas Rubakin (Roubakine); Critical theory; Critical theory of information; Reading.*

1 INTRODUÇÃO

Durante o hiato de quatro décadas que separa a morte de Karl Marx em Londres, em 1883, da fundação do Instituto para Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) por filósofos marxistas na Universidade de Frankfurt, em 1923, o teórico russo Nicolas Roubakine (Nikolai Alexandrovich Rubakin, 1862-1946) funda e desenvolve a Bibliopsicologia, uma ciência da leitura orientada para o estudo do livro em sua relação entre o sujeito leitor e o sujeito autor.

Embora Roubakine demonstrasse apreço pelos socialistas revolucionários de seu tempo, tendo emigrado para a Suíça em 1907 em meio ao calor das movimentações desencadeadas pela revolução russa de 1905, as obras do autor não trazem referências diretas ao pensamento marxiano, tampouco se aprofundam nas categorias analíticas que foram consagradas pelos alemães Marx e Engels e que inspiraram diretamente revolucionários russos como Lenin e Trotsky. Não obstante, o comprometimento de Roubakine com a emancipação social através de uma práxis transformadora e sua percepção do protagonismo das classes trabalhadoras nesse movimento indicam a existência de convergências epistemológicas e teórico-metodológicas entre a ciência roubakiniana e a teoria crítica, que será forjada no

século XX pelos pensadores marxistas do instituto de pesquisa supracitado.

Seguindo o rastro dessa enunciação, o presente trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão sobre as possíveis aproximações entre a teoria bibliopsicológica proposta pelo bibliotecário russo Nicolas Roubakine entre as décadas de 1880 a 1920 e a teoria crítica desenvolvida a partir dos anos de 1930 pelos membros do Instituto para Pesquisa Social, internacionalmente conhecidos como a Escola de Frankfurt. De modo específico, interessa refletir, à luz da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), se e sob quais condições o pensamento roubakiniano, centrado para e pela leitura como instrumento de transformação social, apresenta convergências com os pressupostos críticos frankfurtianos, que irão servir de base para a proposta teórico-metodológica de uma teoria crítica da informação (Bezerra, 2019).

A proposta, de fundo teórico, exploratório e com abordagem qualitativa, está ancorada na pesquisa bibliográfica e histórica no bojo da epistemologia biblioteconômico-informacional e da perspectiva da teoria crítica no campo. De um lado, a presente reflexão é sustentada pelos construtos teórico-metodológicos tecidos por Nicolas Roubakine (1998) em torno da Bibliopsicologia, conforme articulação em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, de 1922, e, por outro, pelos pressupostos teórico-críticos trazidos por Max Horkheimer (1980) na década de 1930 e por Herbert Marcuse (1973) na década de 1960, posteriormente comentados por Marcos Nobre (2004). Especificamente no âmbito das discussões sobre os estudos críticos em informação, esses aportes são abordados a partir de Arthur Coelho Bezerra (2019) e Gustavo Silva Saldanha (2019a).

As reflexões aqui tecidas integram e resultam de discussões, ainda em andamento, no contexto dos estudos sobre o pensamento roubakiniano em BCI, nos quais sobressai, dentre seus horizontes interpretativos possíveis, uma vertente epistemológico-histórica e sociocrítica que lança luzes sobre a articulação da teoria bibliopsicológica no campo, voltada para as relações psíquicas entre livros e pessoas leitoras. Nessa proposta, especificamente, os construtos são pensados a partir de uma compreensão expressa por Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) e Saldanha (2019b) das investigações sobre a leitura, ainda no século XIX - nesse enfoque, pela via roubakiniana -, como um dos caminhos possíveis para os processos de luta por uma sociedade justa, livre e igualitária, ou seja, de luta pela emancipação social. Essa via se manifestaria, no século XX, em pesquisas e ações nas Ciências Humanas e Sociais e, de modo específico, em BCI, ancoradas e orientadas pela fundamentação

de Karl Marx e Paulo Freire, ambas com lastro teórico-crítico. Trata-se de tentar estabelecer diálogos que podem ajudar a compreender uma outra direção pela qual uma visão sociocrítica, voltada para a leitura e o acesso irrestrito ao conhecimento como forma de transformação social, já se desvela no final do século XIX por uma via não tradicionalmente discutida no campo biblioteconômico-informacional brasileiro e latino-americano.

A proposta deste artigo se encontra organizada da seguinte forma: após esta introdução, expõe-se a abordagem teórico-metodológica que sustenta a reflexão. Na seção seguinte, contextualiza-se a ciência bibliopsicológica concebida por Nicolas Roubakine à luz de seu espaço-tempo, discorrendo sobre a paisagem sócio-histórica e política que demarca as condições de desenvolvimento de sua teoria na Rússia da virada do século XIX para o XX. Em seguida, apresenta-se um panorama inicial sobre a teoria crítica desenvolvida pelos filósofos da Escola de Frankfurt, com um olhar específico para os estudos críticos em informação e as possibilidades aí entrevistadas de diálogos com o pensamento roubakiniano. Na subsequente discussão dos resultados, elencam-se três categorias de análise que permitem estabelecer relações entre ambas as teorias, a saber: fundamentação teórica; estrutura metodológica; e práxis transformadora. Por fim, discute-se o lugar da dimensão sociocrítica na teoria tecida pelo bibliotecário russo sob a ótica da BCI e sua concepção enquanto campo comprometido com um horizonte de transformação social.

2 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A reflexão, de natureza teórica, exploratória e com abordagem qualitativa, apresenta em sua delimitação critérios de pesquisa bibliográfica e histórica no contexto dos estudos epistemológicos e da perspectiva da teoria crítica em BCI. Para investigar a temática proposta, o trabalho traz como *locus* principal de análise a obra de Nicolas Roubakine, *Introduction à la psychologie bibliologique*, publicada em francês em 1922, seguida de sua edição em russo nos anos de 1923 e 1924 e reeditada em 1998 pela *Association Internationale de Bibliologie*, sendo esta a edição aqui utilizada. Esta produção de Roubakine, considerada seminal para a articulação teórico-metodológica de seu pensamento, consolida toda a teoria bibliopsicológica trabalhada por mais de trinta anos em um contexto sócio-histórico atravessado por censuras, perseguições políticas e desigualdades no que se refere, sobretudo, à

construção, circulação e acesso ao conhecimento. O objetivo roubakiniano, fortemente comprometido com um horizonte de transformação social pela via da leitura, arregimenta em sua própria demarcação epistemológica conceitos, teorias e métodos que apontam para diferentes modos de vislumbrar, no campo da BCI, os impactos do conhecimento registrado na realidade social, conforme apreende Gustavo Saldanha (2019a).

Nesta pesquisa, os aportes trazidos pela bibliopsicologia de Roubakine são discutidos em diálogo com os construtos da teoria crítica desenvolvida no âmbito da Escola de Frankfurt, sustentados, nesta proposta, pelos estudos de Herbert Marcuse (1973) e Max Horkheimer (1980). Essas perspectivas são complementadas por Marcos Nobre (2004) e Arthur Coelho Bezerra (2019), este último mais voltado para o campo da Ciência da Informação; nesse âmbito, estabelecemos alguns diálogos com as discussões sobre a teoria crítica da informação, notadamente pela via de uma epistemologia-histórica da construção do campo, tendo por base as reflexões de Gustavo Saldanha (2019a).

O foco central aqui é estabelecer horizontes de análise que, à luz dos estudos biblioteconômico-informacionais e das especificidades teórico-metodológicas de cada abordagem, apontem para convergências e divergências entre ambas as teorias, o que pode oferecer novas lentes para a reflexão sobre o lugar da dimensão sociocrítica do pensamento roubakiniano em BCI, bem como, em sentido mais amplo, o comprometimento desse mesmo campo com a luta pela transformação social.

Por isso, seguindo uma orientação de ordem metodológica, com vistas a organizar e estruturar melhor as análises realizadas, elencam-se três categorias de análise que ajudam a estabelecer possíveis aproximações entre ambas as teorias, mas que, de forma alguma, esgotam as possibilidades de reflexões e interpretações aí entrevistas: 1) fundamentação teórica, voltada para a discussão das bases teóricas e epistemológicas que sustentam e relacionam tanto a teoria bibliopsicológica roubakiniana quanto a teoria crítica de matriz frankfurtiana; 2) estrutura metodológica, interessada nas aproximações entre os construtos dialéticos propostos pela teoria crítica e o método desenvolvido por Nicolas Roubakine – ancorado em aportes positivistas, mas, ao mesmo tempo, imbricado em um horizonte pragmático de aplicação; e 3) práxis transformadora, orientada para as relações entre as ações propostas pelo bibliotecário russo através de sua bibliopsicologia e as potencialidades de transformação do mundo a partir da união entre teoria e prática, ou seja, de estudos

sobre a leitura e o sujeito leitor e seus modos de apropriação crítica no real como vetor de emancipação social. Essas categorias estão divididas em tópicos, nos quais sobressaem diálogos entre o referencial teórico e a obra roubakiniana colocada como *locus* central de análise.

3 ROUBAKINE E O HORIZONTE SOCIOCRTICO: CONSTRUTOS INICIAIS DE E PARA UMA BIBLIOPSILOGIA REVOLUCIONÁRIA

Nicolas Roubakine foi um bibliotecário russo com longa tradição nos estudos teóricos e empíricos sobre o livro e a leitura nas décadas de 1880 a 1920, com influência tanto na Rússia quanto na Suíça. O teórico dedicou toda sua vida ao trabalho em prol do acesso ao livro e à leitura às camadas populares russas pela via do que entendia como uma ciência nova, denominada Bibliopsicologia ou Psicologia Bibliológica. De maneira central, a bibliopsicologia dedica-se ao estudo do livro em relação ao sujeito leitor, com foco na análise e compreensão das relações mentais entre autorias e pessoas leitoras durante os atos de leitura - notadamente, os efeitos do livro em quem lê e na sociedade como um todo (Simsova, 1966).

Segundo Saldanha (2019b), o entendimento dos efeitos do livro no pensamento roubakiniano implica o mapeamento de todos os “passos” do sujeito durante os atos de leitura, ou seja, todas as sensações, de natureza física, psíquica e emocional, despertadas durante a interação com um objeto informacional - este, tomado em seu sentido amplo, tudo aquilo que pode ser lido (Otlet, 2018). A mensuração se daria a partir da formulação de leis e escalas de padrões que regem os processos de leitura e determinam os tipos psíquicos de cada leitor de forma qualitativa e quantitativa, ou seja, a regularização dos efeitos do livro, propondo um método integral e objetivo de apropriação de saberes que, na visão do bibliotecário russo, poderia conduzir mais rapidamente aos intuítos de sua teoria: a transformação social.

Essa noção sugere, a partir do olhar de Paul Otlet (2018), corroborado por Saldanha (2019b), certa influência da corrente positivista - dominante no campo científico à época - na estrutura do método bibliopsicológico. Na década de 1880, pouco antes de entrar para a Universidade de São Petersburgo, Roubakine traça suas primeiras aproximações com os escritos do filósofo francês positivista Auguste Comte, cujas teorias voltadas para uma educação enciclopédica, segundo Alfred Senn (1977), influenciaram tanto na sua escolha em se matricular na faculdade de ciências

psicológicas e matemáticas, como também frequentar aulas e palestras voltadas para os estudos nos campos jurídico, histórico e filológico. Os aportes comtianos, junto à Gabriel Tarde, outro filósofo francês também próximo das teorias de cunho positivista, seriam mencionados posteriormente como influências centrais na obra clássica roubakiniana de 1922, orientando toda a sua proposta de estudar os fenômenos psíquicos da leitura sob a ótica das ciências sociais e exatas (Roubakine, 1998; Saldanha, 2019a).

Apesar da estrutura positivista do método bibliopsicológico, a teoria de Roubakine não é dissociada de um contexto social e historicamente construído. Para Savova e Estivals (1993), o pensamento roubakiniano apresenta em sua fundamentação epistemológica um caráter sistemático, respaldado em um longo percurso de pesquisa teórica e empírica e, sobretudo, na elaboração de leis que regem a comunicação escrita, mas que se encontra, ao mesmo tempo, vinculada a uma posição pragmática no cenário de sua aplicação.

Em outras palavras, para Roubakine (1998) a mensuração dos efeitos do livro tem por base as condições sócio-históricas que circunscrevem a produção, circulação e apropriação dos artefatos bibliográficos pelo leitor, considerando sua contextualidade em uma sociedade demarcada por determinadas formações sociais, políticas, culturais e econômicas. Tal noção é corroborada pelas ideias trabalhadas pelo teórico durante mais de trinta anos em um cenário marcado por opressões, cujo horizonte que inspira e orienta toda sua proposta emancipatória aponta para a concepção do livro como o “instrumento mais poderoso na luta pela verdade e pela justiça” (Roubakine, 1998, folha de rosto, tradução nossa)³ – ou seja, um chamado à luta por um futuro melhor.

A noção do livro como instrumento de transformação social, que demarca todo o percurso teórico-metodológico roubakiniano, está imbricada ao contexto de opressão vivenciado pelo bibliotecário na Rússia czarista nas últimas décadas do século XIX aos primeiros anos do XX. O historiador político Alfred Senn (1977) chama atenção, em biografia dedicada à Roubakine, para a contribuição central de sua biblioteca e seus trabalhos - dentre outros, em temáticas sobre popularização da ciência, bibliografias, estudos da leitura e do público leitor, escritos políticos críticos ao czarismo, à nobreza e ao clero - para moldar o caráter intelectual dos movimentos

³ Tradução livre de: *“l’instrument le plus puissant dans la lutte pour la vérité et la justice”*.

revolucionários que, anos depois, destituiriam o governo opressor do czar e dariam forma inicial à Revolução Russa de 1917.

Durante sua formação acadêmica na Universidade de São Petersburgo (1881-1887), Roubakine envolveu-se em organizações e movimentos estudantis considerados ilegais (muitos deles, de cunho socialista), sendo acusado de ler e publicar textos tidos como subversivos pelo regime vigente e sofrendo perseguições políticas que culminaram na sua prisão em 1884, e posteriormente, em seu exílio para a Suíça nos primeiros anos do século XX (Savova, 1998). Ao mesmo tempo, esse envolvimento levou o teórico russo a entrar em contato com diversas figuras reconhecidas do cenário político de seu país à época, como Nadezhda Krupskaja e Vladimir Lenin (Senn, 1977).

Notadamente, é esse contexto de efervescência intelectual e repressão política à atuação de Roubakine nas esferas relacionadas à produção, circulação e acesso ao conhecimento, somada às suas experiências como bibliotecário na biblioteca de sua mãe (influência central do teórico, igualmente preocupada com a educação do povo russo e por cuja biblioteca Roubakine assumiu a responsabilidade na década de 1870) que orienta suas aproximações em direção a uma proposta de justiça social via bibliopsicologia.

Para o autor, a bibliopsicologia é inspirada pela noção de que a consciência é particular e subjetiva, sendo o livro não um fim em si mesmo, mas sim tomado em seu sentido amplo - concepção reforçada por Paul Otlet (2018). Ou seja, o livro é não somente um artefato material, mas sim um reflexo da consciência de quem lê e de sua posição no espaço e no tempo; encarna uma simbolização do real e a interação sujeito-realidade, permitindo não só a leitura do objeto, mas também do mundo. Nessa concepção, o livro apresenta, durante a experiência de leitura, uma possibilidade de apropriação sob uma perspectiva crítica e reflexiva, o que postula a leitura, em sua teoria, como instrumento potencial de conscientização crítica coletiva, capaz de direcionar a sociedade para um real transformado e emancipado (Saldanha, 2019a).

A partir dessa noção, o objetivo da bibliopsicologia está em levar a educação para as camadas sociais mais vulneráveis, personificadas, em seu espaço-tempo, pela classe trabalhadora russa oprimida pelo regime absolutista então vigente (Simsova, 1966; Savova, 1998). Na visão do teórico, as classes trabalhadoras, e aqui incluem-se as massas populares como um todo, não só desejavam ler e aprender, como também estavam no centro da luta pela transformação das condições de vida

desiguais dadas pelo sistema capitalista da Rússia czarista. Seria a partir desses estratos sociais e seus modos de construção e apropriação de saberes que uma nova força floresceria, capaz de destruir o pensamento e os modos de pensar então em voga; na perspectiva roubakiniana, significa dizer destruidores de um antigo regime decrépito e desastroso para todas as pessoas trabalhadoras, abrindo espaço para o surgimento de sujeitos autoconscientes e criadores de novos pensamentos e novos modos de pensar (Rubakin, 1912⁴ *apud* Senn, 1977).

Nessa direção, um outro aspecto de extrema relevância, também trazido na biografia escrita por Senn (1977), integra e demonstra o olhar sociocrítico que permeia todo o percurso teórico-metodológico roubakiniano, bem como o seu comprometimento com as possibilidades de transformação via conhecimento. Em janeiro de 1904, na ocasião da participação de Roubakine no Terceiro Congresso Pan-Russo de Trabalhadores de Educação Técnica e Profissional, transcorrido em São Petersburgo, o bibliotecário expressa, criticamente, sua insatisfação com o sistema educacional em curso na Rússia, o que culminaria em novas tentativas de prisões e perseguições políticas a ele e sua família:

[...] o sistema educacional oficial era tendencioso, voltado para a formação de cidadãos úteis; o sistema era 'nada mais do que uma arma nas mãos do governo para a realização de objetivos práticos conhecidos, intimamente vinculados aos interesses dos grupos sociais, econômicos e políticos cujo estado, em um determinado momento, é a expressão' (Rubakin, 1912⁵ *apud* Senn, 1977, p. 21, tradução nossa).⁶

As afirmações de Roubakine revelam a preocupação do teórico para com os modos de produção e apropriação de saberes, sugerindo que estes estariam voltados para os interesses de grupos detentores do poder econômico e político (pode-se dizer, as classes dominantes) e para a formação de cidadãos “úteis”, ou seja, que possivelmente reproduziriam, uma vez afastados das condições de desenvolvimento de reflexões críticas, esses mesmos interesses em um determinado espaço-tempo. Nesse sentido, os saberes produzidos e apropriados, conforme as condições dadas pelo governo czarista, estariam não à serviço da reflexão e conscientização crítica coletiva, das possibilidades reais de transformação - objetivo central de toda teoria

⁴ Nikolai Rubakin, **Pered rassvetom** [Antes do amanhecer], São Petersburgo, 1912.

⁵ Nikolai Rubakin, **Pered rassvetom** [Antes do amanhecer], São Petersburgo, 1912.

⁶ Tradução livre de: “[...~] the official educational system was tendentious, aimed at producing useful citizens; the system was ‘nothing more than a weapon in the hands of the government for the realization of known, practical aims, closely connected with the interests of those social, economic, and political groups of which the state, at any given time, is the expression’”.

roubakiniana -, mas sim dos interesses de grupos específicos, voltados para a manutenção das desigualdades e opressões então vigentes.

Por esse motivo, o teórico postula que o caminho para a transformação se daria através da luta contra o analfabetismo; da socialização do conhecimento via instrução popular; do acesso aos livros que melhor correspondam aos interesses e habilidades cognitivas dos sujeitos leitores; e da construção e expansão de bibliotecas públicas voltadas para as massas populares, até então oprimidas em razão de condições desiguais de acesso ao conhecimento (em poder de uma elite cultural minoritária) e que poderiam, a partir daí, apropriar saberes e desenvolver modos de perceber, refletir e compreender a realidade de forma crítica. Para Saldanha (2019a, p. 180), trata-se de “[...] uma revolução no pensamento através das formas de ação do conhecimento em seus registros, em suas institucionalidades, em suas formas de construção do acesso.”

Paul Otlet (2018), em seção dedicada à bibliopsicologia em seu Tratado de Documentação, de 1934, reforça esse olhar, apontando que, dentre várias das aplicações possíveis da ciência desenvolvida por Roubakine, existe uma que talvez seja a mais importante, a que mais representa sua essência, sua *raison d'être*:

[...] fazer com que todos que, no regime social atual, são oprimidos, humilhados, ofendidos e empobrecidos, que não têm nem os conhecimentos nem as possibilidades de trabalhar para criar melhores condições, possam, também eles, lutar e trabalhar com sucesso, sem verter lágrimas nem sangue; todos podem aprender a criar uma vida nova, e a criar, sempre e em todos os lugares, com perseverança e entusiasmo, e isso sem que sejam advertidos por aqueles que, hoje em dia, constroem sua felicidade e seu bem-estar sobre a desgraça alheia (Otlet, 2018, p. 48).

Diante da paisagem sociocrítica revelada pela e na teoria bibliopsicológica roubakiniana, conforme apontam a posição de Otlet (2018) e Saldanha (2019a), é possível questionar e refletir sobre qual (ou quais) os construtos que moldam e aprofundam a desgraça alheia sob a qual a felicidade e o bem-estar de poucos é construída. Nessa proposta, esses caminhos sugerem diferentes possibilidades de reflexões e indagações sobre como o pensamento de Nicolas Roubakine pode encontrar terreno fértil de articulação com os aportes teórico-críticos frankfurtianos.

4 A TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA E A PRÁXIS TRANSFORMADORA COMO VETOR DOS ESTUDOS CRÍTICOS EM INFORMAÇÃO

Ainda no início do século XX, em sua obra seminal, Roubakine indaga: “Como a realidade é *dada* e como ela *deveria ser dada*?” (Roubakine, 1998, p. III, tradução nossa, grifo do autor).⁷ Tendo em vista a reflexão aqui proposta, o enunciado evocado pelo bibliotecário russo chama atenção para as possibilidades de aproximação entre a teoria bibliopsicológica e a teoria crítica frankfurtiana, empreendimento que direciona para diferentes modos de (re)pensar os estudos críticos em informação e, possivelmente, a própria construção do campo biblioteconômico-informacional.

A teoria crítica surge no bojo do círculo de intelectuais do Instituto para Pesquisa Social, fundado na Universidade de Frankfurt, Alemanha, em 1923, e que se tornaria internacionalmente conhecido como Escola de Frankfurt. Conforme destaca Marcos Nobre (2004), o critério de demarcação epistemológica da teoria crítica é o marxismo e seu método - o modelo de crítica da economia política. O autor brasileiro aponta que a teoria crítica se constitui a partir da interpretação do pensamento de Marx, este apoiado na concepção da realidade enquanto historicamente construída e repleta de contradições (perspectiva de seu materialismo histórico e dialético), cujos pressupostos são utilizados pelos teóricos críticos para a elaboração de diagnósticos que permitam analisar e compreender a totalidade (categoria cara a Marx e herdada de Hegel) da realidade social em um dado momento histórico.

Como marco fundacional do conceito e da própria teoria, está o texto assinado pelo diretor do Instituto (a partir de 1930), Max Horkheimer, Teoria tradicional e teoria crítica. Publicado em 1937, o trabalho apresenta os princípios que orientam a teoria crítica a partir da perspectiva materialista dialética de Marx, que incluem a *historicidade* dos sujeitos, a *totalidade* dos fenômenos sociais e a *tensionalidade* presente na realidade social (Bezerra, 2019, p. 25, grifo do autor). Para dar forma à teoria crítica, Horkheimer a contrapõe ao que postula como teoria tradicional, fortemente demarcada pela influência da corrente positivista no âmbito científico.

Ao passo em que a teoria tradicional enfoca a construção de um conhecimento neutro e objetivo da sociedade, pautando-se em generalizações, leis universais e na separação entre o sujeito e objeto, ocupada em investigar e observar o real tal como ele se apresenta, na busca pela previsão de fenômenos e comportamentos (ou seja, investigando como as coisas funcionam sem questionar por que são como são), a

⁷ Tradução livre de: “*Comment la réalité donnée est-elle? Comment devrait-elle être?*”

teoria crítica analisa a realidade social tendo em vista suas potencialidades imanentes: não vê a realidade apenas como ela é, mas também como *poderia ser*, colocando as desigualdades e opressões existentes em perspectiva histórica e denunciando-as como obstáculos para uma vida melhor, contrapondo-se, assim, à visão “tradicional” que percebe o real como um dado irrefutável, ignorando a gênese dos problemas sociais (Horkheimer, 1980; Nobre, 2004; Bezerra, 2019).

A crítica horkheimeana à teoria tradicional de fundo positivista não busca negá-la, mas sim demonstrar suas limitações no que se refere à pretensão de uma análise e compreensão neutra e objetiva da realidade social, dissociada de um sujeito cognoscente que participa da construção dessa mesma realidade. Na visão do autor, a existência da sociedade “[...] não é o resultado de uma espontaneidade consciente de indivíduos livres” (Horkheimer, 1980, p. 125), ou seja, não é uma determinação natural da existência, mas sim fruto de formações históricas e sociais, determinadas no bojo de um pensamento demarcado por categorias dominantes, voltadas para uma configuração ilusória e ideológica do real (representada pela divisão do trabalho e pela luta de classes). O próprio Roubakine (1998) diria, antes, aproximando-se da concepção que Marx e Engels (2010) buscaram transmitir aos trabalhadores em seu mundialmente conhecido Manifesto Comunista (1848), que a divisão da humanidade em classes constituiria uma contradição ao princípio de integralidade dessa mesma humanidade, sendo, pois, um obstáculo a uma vida extensiva e mais intensiva (ou seja, a “vida nova” buscada pelo bibliotecário russo por meio da transformação social).

Nessa concepção, o sujeito não é separado da sociedade, mas sim parte formadora e integrante do real, como vemos na conhecida introdução do 18 Brumário de Luis Bonaparte, publicado por Marx em 1852:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos (Marx, 2011, p. 25).

Partindo desse entendimento, a teoria crítica é colocada à luz de um caráter *transcendente*: não somente investiga as coisas tais como são, como também aprofunda as razões pelas quais o mundo é como é (desigual e opressor) e não de outra forma (democrático, justo, livre e igualitário), tendo sempre como horizonte um exercício crítico de imaginação sobre como a realidade poderia ser - condição dada

pelas possibilidades concretas de existência, ou seja, os potenciais de emancipação social imanentes do mundo material, que possibilitariam que o real fosse melhor do que é, mas que não o é em razão de obstáculos que negam e impedem as potencialidades da vida social (Marcuse, 1973; Nobre, 2004; Bezerra, 2019).

Inspirado nas também famosas Teses sobre Feuerbach, de Marx (2007, p. 534, grifo do autor), nas quais o filósofo alemão escreve que “a coincidência entre a altera[ção] das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária”, Bezerra (2019) afirma que a superação dos obstáculos que se colocam no caminho para a emancipação social está em um movimento direcionado por e para uma práxis transformadora, conceito nuclear para Marx e para a teoria crítica (e, pode-se dizer, orientação de toda teoria bibliopsicológica roubakiniana), aqui entendida como a interação dialética entre consciência e atividade (Bezerra, 2019, p. 51) voltada para a análise das contradições que regem o mundo social, tendo em vista a superação dessas contradições por meio da ação prática. É a perspectiva de emancipação que dá sentido aos diagnósticos críticos de um dado momento histórico (Nobre, 2004; Bezerra, 2019). No pensamento de Nicolas Roubakine (1998, p. 4, tradução nossa), o próprio domínio epistemológico de sua ciência está dado na, para e pela práxis: “a teoria para nós é somente um meio, enquanto que a prática constitui o objetivo [da bibliopsicologia]”.⁸

A teoria crítica da informação proposta por Bezerra (2019) mobiliza a “práxis revolucionária” de Marx e a “práxis libertadora” de Paulo Freire, cuja pedagogia crítica consistiu em não apenas oferecer um diagnóstico do sistema educacional brasileiro, apontando os obstáculos de tal projeto para a emancipação dos indivíduos, mas também envolveu uma ação prática de alfabetização centrada na realidade dos educandos. A partir dessa inspiração, Bezerra (2019, p. 28) propõe uma metodologia para a teoria crítica da informação que contemple a realização de diagnósticos interdisciplinares que tenham como foco o ecossistema informacional, “identificando as potencialidades e os obstáculos à liberdade e à autonomia informacional que se colocam no cenário a ser investigado”.

Ainda nos estudos informacionais, a perspectiva teórico-crítica é também trazida por Saldanha (2019a) no âmbito da epistemologia histórica (um dos terrenos

⁸ Tradução livre de: “*La théorie n’est pour nous qu’un moyen, tandis que la pratique constitue le but*”.

de investigação do lugar da crítica em Roubakine). A proposta do autor aponta para a compreensão do campo como um território dialético, repleto de contradições e disputas políticas, mas, ao mesmo tempo, fortemente comprometido com uma práxis transformadora - esta, centrada nas dinâmicas de produção, circulação e apropriação de saberes, ou seja, o acesso amplo e irrestrito ao conhecimento como forma de luta pela emancipação social, horizonte fim da teoria crítica em meados do século XX e, antes, na Rússia czarista do final do XIX, da teoria bibliopsicológica.

Assim, o exercício de pensar uma teoria crítica da, na e para a Ciência da Informação, como nos revela Saldanha (2019a), seria, antes, não apenas (re)pensar o campo através da compreensão das dinâmicas de impacto, poder e opressão do conhecimento registrado, mas também a partir das potencialidades entrevistas em categorias sociais (trabalho, classe, gênero, conhecimento, dentre outras), cujas reflexões críticas, ao mesmo tempo em que desvelam obstáculos originados e demarcados pela divisão de classes e relações socioeconômicas desiguais, propõem modos distintos de resistência e enfrentamento via ação na realidade social. Para o autor, categorias da historicidade e as suas dialéticas como forças de luta revolucionária (Saldanha, 2019a, p. 173).

Mais uma vez, sugere-se que essa via pode ser vislumbrada a partir da articulação da teoria bibliopsicológica roubakiniana, tecida no cerne de acontecimentos sócio-históricos nos quais a luta pelas condições de desenvolvimento de conscientização crítica coletiva emerge como ponto central para as possibilidades de emancipação social. Aqui, toda a teoria desenvolvida no pensamento de Nicolas Roubakine está voltada para as camadas populares, em especial as classes trabalhadoras que, segundo o teórico (e novamente em consonância com Marx e Engels), deveriam estar no centro da luta contra a desigualdade e opressão reinantes na realidade social, sendo sua voz o “[...] mais poderoso e decisivo para conduzir os rumos da humanidade” (Roubakine, 1998, p. II, tradução nossa).⁹

5 DISCUSSÕES: APROXIMAÇÕES ENTRE A TEORIA BIBLIOPSIOLÓGICA E A TEORIA CRÍTICA A PARTIR DO OLHAR BIBLIOTECÔNOMICO-INFORMACIONAL

Ao decorrer do desenvolvimento da teoria bibliopsicológica, Roubakine

⁹ Tradução livre de: “[...] *plusen plus décisive dans les destinées du monde?*”.

dissera, conforme apontado pelo amigo e educador Adolphe Ferrière, que seu trabalho era “[...] um trabalho de revolta, de luta enérgica contra as condições do mundo atual” (Ferrière, 1917, p. 132, tradução nossa)¹⁰. Em meio às perseguições políticas, censuras, mortes, deportações e outras diversas desigualdades presentes à época na Rússia (Saldanha, 2019a), o bibliotecário posicionara a bibliopsicologia no centro da luta contra a opressão, contra uma dada realidade que poderia ser vislumbrada e pensada de outra forma. Essa ciência poderia conduzir a humanidade - aqui, via acesso à leitura e ao conhecimento - a todas as potencialidades emancipatórias imanentes na vida social, cujos obstáculos impostos por estruturas dominantes impedem seu alcance.

Ainda que todo o percurso do pensamento bibliopsicológico roubakiniano, culminado em sua obra seminal, em 1922, seja anterior à tessitura da teoria crítica, o que dificulta a demarcação de possíveis influências e diálogos mais diretos aqui e ali, é possível reconhecer em ambas as teorias alguns construtos que ora conversam mais proximamente, ora se distanciam - mas se mantêm em constante interação. Nas seções abaixo, essas aproximações são discutidas a partir das categorias de análise aqui elencadas, a saber: fundamentação teórica; estrutura metodológica; e práxis transformadora.

5.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O primeiro ponto que chama atenção está na fundamentação teórico-metodológica da teoria crítica frankfurtiana e da bibliopsicologia de Roubakine. Conforme visto anteriormente, a demarcação epistemológica da teoria crítica é sustentada pelo materialismo de caráter histórico e dialético de Marx; este, na moldura frankfurtiana, se converte em um “materialismo interdisciplinar” que assume como espinha dorsal a economia política (cuja crítica é feita por Marx e Engels), acrescida das contribuições da psicologia de Freud e das então emergentes teorias da cultura (Bezerra, 2019, p. 28).

O pensamento roubakiniano, ainda que não se debruce nos construtos de Marx, partilha da concepção da realidade como uma construção social e histórica, fundada em contradições e categorias dominantes que mascaram a verdadeira

¹⁰ Tradução livre de: “[...] *une œuvre de révolte, de lutte énérgique contre les conditions du monde actuel*”.

essência das coisas. Mesmo que o bibliotecário não mencione, nomeadamente, categorias integrantes do pensamento marxista e tampouco se aprofunde em noções caras a essa perspectiva, como "meios de produção", "lucro", "força de trabalho", "capital" e "lutas de classe" (embora tenha lido e reconhecido a centralidade das obras de Marx para integrar a leitura das massas populares, bem como oferecido gratuitamente, em sua biblioteca, livros de e sobre educação aos círculos marxistas dos quais Krupskaja fazia parte, conforme aponta seu filho, Aleksandr Rubakin, 1979), pode-se sugerir que, ao indagar sobre como a realidade é dada e como deveria ser dada, o teórico está a apontar, centralmente, para os obstáculos impostos pela divisão da sociedade em classes (o que, em sua visão, estaria em contradição com a própria essência da humanidade), pela distribuição desigual de recursos materiais e condições de acesso à instrução e ao conhecimento - pautadas, em seu espaço-tempo, nas repressões políticas, censuras às atividades de bibliotecas públicas e mecanismos ideológicos de dominação que suprimem as possibilidades de conscientização crítica coletiva, impedindo que a vida social seja tal qual suas potencialidades imanentes demonstram que poderiam ser.

Nesse sentido, assim como colocado pela fundamentação teórico-crítica, o olhar de Roubakine (1998) volta-se para as camadas populares e, sobretudo, trabalhadoras, como instrumento propulsor da transformação social: é através do acesso ao conhecimento que seria possível alcançar uma conscientização crítica das desigualdades e opressões, para então combatê-las.

5.2 ESTRUTURA METODOLÓGICA

Outro ponto interessante está na estrutura metodológica dessas teorias. As aproximações da bibliopsicologia com alguns aportes do que Horkheimer (1980) chamou de "teoria tradicional", contraposta pelos pressupostos teórico-críticos, são claras: de início, nota-se a influência da teoria comtiana sobre Roubakine (1998) na década de 1870, o que irá demarcar sua trajetória acadêmica na Universidade de São Petersburgo. A partir daí, a ciência desenvolvida pelo teórico russo é fundada e influenciada, metodologicamente, nos principais elementos do positivismo, refletindo a própria dominância dessa corrente na Psicologia (um dos campos de teorização e aplicação da bibliopsicologia) e no âmbito científico como um todo entre o fim do século XIX e início do XX (Saldanha, 2019b).

Tal como a perspectiva positivista, seu olhar está centrado, objetivamente, na busca por leis universais e regularizações das relações entre o sujeito leitor e o mundo, pautada na estrutura metodológica das ciências naturais e direcionada à identificação e compreensão das formas possíveis de encontrar um livro exato para cada indivíduo: aquele que mais corresponda aos seus interesses e habilidades cognitivas, que desperte a capacidade (no campo mental, psíquico e emocional) de apropriação e reflexão crítica não apenas do objeto lido, como também da realidade social.

Apesar de um enfoque indutivo possivelmente mais orientado para a regularização e previsão de fenômenos (como os sujeitos apropriam e utilizam saberes) do que a elaboração de diagnósticos críticos que explicariam suas causas, tal qual postulado pela teoria crítica, a teoria de Roubakine (1998) não é, de forma alguma, neutra, dissociada de sua contextualidade ou participativa da crença da separação entre sujeito e objeto, conforme a teoria que Horkheimer (1980) chama de “tradicional”. Ao contrário, para a bibliopsicologia, o livro, a leitura, as autorias e os leitores são frutos de uma compreensão sócio-histórica das dinâmicas que envolvem sua produção, circulação e acesso, dadas no bojo de determinadas formações políticas, culturais, psíquicas e econômicas (Roubakine, 1998; Saldanha, 2019b).

Nessa configuração, as atividades que envolvem a informação em Roubakine (1998) nada têm de independente dos sujeitos que com ela interagem. Em seu enfoque, os saberes construídos e apropriados durante as experiências de leitura são processados à luz das subjetividades, contextos e configurações psicológicas de quem lê, estando não dissociada de seus aspectos semânticos e pragmáticos (ainda que estudada nos moldes das ciências exatas), mas, ao contrário, diretamente relacionada à atuação de um indivíduo cognoscente que produz, transmite e apropria informação em um espaço-tempo socialmente construído. A bibliopsicologia está colocada, pois, na busca do indivíduo em sua intersubjetividade, dada pela investigação e compreensão da condição histórica das massas populares e seus modos de percepção e relação com o real via leitura. Ainda que de fundo positivista, compreende-se que o método roubakiniano se aproxima da teoria crítica ao desvelar em sua finalidade uma dimensão sociocrítica voltada para as possibilidades de transformação social.

5.3 PRÁXIS TRANSFORMADORA

Os pressupostos desenvolvidos pela teoria crítica são orientados pela noção de emancipação social, sendo os diagnósticos críticos elaborados à luz das possibilidades concretas de mudança das coisas (de como são para como *poderiam ser*); aqui, a práxis representa a “interação entre consciência e atividade, configurando um ciclo teórico-prático em que a teoria, posta à prova na prática, estimula a reflexão que, a partir das contradições observadas, tem o condão de alterar a teoria inicial” (Bezerra, 2019, p. 51). A união entre teoria e prática permite, ao mesmo tempo, refletir de maneira crítica sobre os obstáculos materiais existentes e as potencialidades presentes em cada tempo histórico para o alcance da emancipação, em um movimento dialético em constante transformação (Nobre, 2004; Bezerra, 2019).

Nesse sentido, pode-se dizer que o desenvolvimento de uma conscientização crítica, voltada para a análise das contradições e possibilidades de transformação, está diretamente relacionado à investigação das condicionantes sócio-históricas que formam os modos de percepção, apreensão e interação com o real (Marcuse, 1973; Nobre, 2004). É preciso, então, que a teoria alcance as bases empíricas, a ação em seu movimento real, o sujeito em sua intersubjetividade.

No mesmo diapasão, a noção de práxis na bibliopsicologia roubakiniana é também colocada a partir de uma união dialética entre teoria e prática: parte-se dos estudos científicos sobre a leitura (teoria) para alcançar a ação na realidade social a partir da aplicação dos saberes apropriados via leitura (prática), tendo sempre como horizonte a transformação social (Saldanha, 2019a). Ainda que o bibliotecário russo não mencione ou elabore diagnósticos críticos de época para analisar os obstáculos e as potencialidades existentes de emancipação social, sua teoria está diretamente voltada e orientada para uma práxis transformadora, com foco na concepção da realidade social a partir de como as coisas são dadas (condições sócio-históricas de possibilidades de leitura e acesso ao conhecimento) à luz de como poderiam ser, das potencialidades de emancipação via ação mediada pela consciência.

No contexto de opressão czarista no qual seu pensamento se desenvolve, a mensuração dos efeitos do livro, a compreensão psicológica do leitor e, não menos importante, o ato de leitura propriamente dito, ou seja, todo o potencial de transformação dos artefatos bibliográficos, são o caminho pelo qual a bibliopsicologia pode encontrar sua ação no real: na luta contra o analfabetismo, na socialização e acesso amplo e irrestrito à instrução e ao conhecimento como modo de

conscientização das massas populares acerca das opressões e desigualdades vivenciadas.

Estão dadas, aí, as possibilidades revolucionárias vislumbradas por Roubakine (1998) a partir das massas populares e seus modos de construção e apropriação de saberes. O real não é tal como dado, irrefutável, mas sim fruto de condicionantes sócio-históricas que agem de acordo com interesses e valores dominantes que refletem as condições de vida desiguais no âmbito material. Diante desse cenário, a realidade social pode e deve ser transformada; aqui, ao saber socializado, partilhado e apropriado de maneira crítica é creditada a potência imanente de conduzir a diferentes modos de enfrentamento às mazelas originadas pelo capitalismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LUGAR DA DIMENSÃO SOCIOCÍTICA NO PENSAMENTO ROUBAKINIANO

Diante do exposto, pode-se concluir que a teoria bibliopsicológica desenvolvida pelo russo Nicolas Roubakine apresenta, tanto em sua construção epistemológica quanto em sua estrutura teórico-metodológica, algumas aproximações com a teoria crítica de matriz frankfurtiana. Nesta reflexão, elencam-se três categorias de análise que chamam a atenção por tratarem de conceitos e noções que encontram articulação em ambas as teorias, como, por exemplo, emancipação social; reflexão crítica; concepção da realidade como histórica e socialmente construída; indissociabilidade entre sujeito e o real. De todo modo, é possível observar que essas categorias não dão conta das diversas possibilidades de interpretação e discussão dos diálogos entre os pressupostos teórico-críticos e bibliopsicológicos.

Não se trata, aqui, de posicionar Nicolas Roubakine no bojo da teoria crítica de fundamentação marxista, entendendo que isso seria um gesto anacrônico, tampouco de desconsiderar toda a contribuição desses construtos para os estudos informacionais, desenvolvidos centralmente pela via de uma competência crítica em informação, de fundo teórico-crítico (Bezerra, 2019). Nesta proposta, interessou refletir sobre um outro caminho possível, desvelado a partir de eventuais aproximações da teoria roubakiniana com alguns dos pressupostos trazidos pelos pesquisadores da Escola de Frankfurt.

Tal sugestão dialoga com uma das interpretações realizadas dos estudos de Saldanha (2019a), nos quais a historiografia epistemológica em BCI, notadamente

pela via russa representada na figura de Roubakine, aponta para reflexões que remontam à existência de construtos teóricos no campo - de caráter sociocrítico - no final do século XIX, anterior, portanto, às perspectivas cognitivas e sociais difundidas nos estudos informacionais a partir das décadas de 1970 e 1990, que postulariam então uma posição pragmática do sujeito na realidade social, e à própria teoria crítica frankfurtiana.

Ainda na virada do século XIX para o XX, então no cerne da opressão russa czarista, Roubakine intentara demonstrar que as desigualdades e opressões provocadas por estruturas dominantes poderiam encontrar terreno fértil de luta e resistência não somente na prática leitora de um artefato bibliográfico, mas, sobretudo, na prática leitora do mundo, em sua articulação a um horizonte de práxis com foco na criticidade e reflexão da realidade social - o real não seria tal como dado, mas, antes, fruto de construtos desiguais e opressores que devem ser enfrentados em todo seu potencial de leitura crítica de mundo. Contribuem para tal leitura crítica, portanto, as noções de historicidade e de tensionalidade da realidade social, fundamentais para a teoria crítica dos filósofos de Frankfurt e também sublinhadas pela proposta de teoria crítica da informação de Bezerra (2019).

Destacadas as convergências dos (nem tanto) diferentes matizes epistemológicos e teórico-metodológicos que deram estofa às reflexões deste artigo, conclui-se, em concordância com Saldanha (2019a), que são tais olhares, comprometidos com a perspectiva crítica a respeito, sobretudo, das contradições e disputas que envolvem a produção, circulação e apropriação de conhecimento, que demarcam a constituição de um campo informacional comprometido com um horizonte sociocrítico de transformação. Conforme dissera Nicolas Roubakine em 1922: “a bibliopsicologia é uma das formas de *humanizar a humanidade*” (Roubakine, 1998, p. III, tradução nossa, grifo do autor).¹¹

No contexto dos estudos sobre o pensamento roubakiniano, é possível refletir, ainda, sobre a extensa atuação do bibliotecário russo em diferentes esferas relacionadas ao universo do conhecimento registrado – dadas centralmente pelas atividades de educação popular, popularização da ciência e o próprio trabalho bibliotecário que orientou toda a sua vida. Essa perspectiva demonstra, de certa forma, a existência de um vasto território epistêmico a ser ainda explorado não apenas

¹¹ Tradução livre de: “*La biblio-psychologie est un des moyens d’humaniser l’humanité*”.

no âmbito dos estudos em BCI, como também em seu diálogo com áreas, disciplinas e temáticas provenientes de campos como Educação e Psicologia, alguns dos lugares de investigação de Roubakine.

Especificamente no que se refere às possibilidades de articulações desveladas pela teoria roubakiniana em sua dimensão sociocrítica e praxiológica, ou seja, em sua relação com a teoria crítica (e, nessa abordagem, com os estudos críticos em informação), sobressaem os horizontes que posicionam o diálogo entre ambas as teorias no centro das potencialidades de alcance de uma sociedade orientada pelos preceitos de justiça social a partir da apropriação crítica da leitura e suas ações de transformação do mundo.

Sem pretensão de esgotar as interpretações possíveis, as convergências entre os pressupostos bibliopsicológicos e frankfurtianos, aqui destacadas a partir dos esforços de Roubakine para a socialização do conhecimento e o estudo das condições das possibilidades de saber, poderiam encontrar terreno fértil de argumentação, por exemplo, nas noções oriundas da Educação, figuradas na pedagogia crítica de Paulo Freire. Sob as lentes do campo, as proposições colocadas por ambos os autores acerca da leitura não como um fim em si mesma, mas sim como uma manifestação simbólica da interação sujeito-realidade, poderiam fornecer elementos teóricos e epistemológicos para o desenvolvimento de diferentes formas de compreensão da pessoa leitora – diante de um contexto sócio-histórico opressor e desigual – e das potencialidades aí entrevistadas de uma diversidade de letramentos críticos, ou seja, formas de aprendizado e compreensão do mundo (via leitura e educação popular, focos de atuação freiriana e roubakiniana) a partir de uma posição que contesta a postura da neutralidade na educação e desvela o uso desses artefatos para o alcance de uma sociedade emancipada.

O percurso indicado por essas interpretações poderia se manifestar, em uma de suas vias, nos estudos em competência crítica em informação, também de fundo teórico-crítico, conduzidos por Bezerra (2019) e outras autorias no campo biblioteconômico-informacional, cujo olhar alinhado a uma proposta de análise crítica e reflexiva das noções trazidas pela competência em informação sugere a autonomia informacional do sujeito como possibilidade de luta contra estruturas dominantes de poder que regem os processos de informação, tal como já discutido anteriormente. Além disso, o horizonte roubakiniano ainda se desvelaria no próprio fazer bibliotecário, entrevistado em atividades relacionadas à catalogação, classificação e estudo de

usuários, por exemplo, para além do objeto livro em sua concepção material, alcançando o sujeito usuário em suas relações com as condições de conhecimento (como produz, apropria e usa a informação em um dado espaço-tempo), bem como pelo próprio posicionamento crítico da figura bibliotecária – dito de outro modo, a luta, via atividades biblioteconômicas, contra a censura e a favor da representação do conhecimento de acordo com construtos críticos e, mais ainda, do acesso irrestrito ao saber.

Por fim, seguindo o enfoque epistemológico-histórico de Saldanha (2019a; 2019b), as possibilidades de reconhecimento de outras lentes para (re)pensar a constituição dos estudos sobre a leitura e, em sentido amplo, do campo biblioteconômico-informacional como um todo, a partir de Roubakine. A teoria bibliopsicológica, fundada pelo bibliotecário ainda no século XIX, antecipa, à luz de uma dimensão sociocrítica, algumas formulações teóricas que seriam demarcadas pelos estudos informacionais na segunda metade do século XX, como, por exemplo, a concepção do sujeito leitor como um ser social que forma e integra os fenômenos informacionais e o entendimento da realidade como socialmente construída, não sendo apreendida apenas de forma passiva, dissociada de suas condições históricas, econômicas, políticas e culturais.

Esses são apenas alguns dos exemplos, dentre os diversos existentes, que destacam a bibliopsicologia roubakiniana como parte de um conjunto de materiais que sugere um modo de (re)pensar o campo em toda sua estrutura epistemológica de acordo com construtos hegemônicos, para alcançar, via uma perspectiva dialética, a democratização do acesso às condições de conhecimento para as classes historicamente oprimidas. A discussão apresentada neste artigo demonstra que o pensamento de Nicolas Roubakine, junto de sua estrutura teórico-metodológica e dos diálogos que tece com outras áreas do conhecimento, merece ser pesquisado e discutido em maior profundidade no campo científico da BCI.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa conta com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mediante bolsa de Produtividade (PQ) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) mediante bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria crítica da informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 15-72.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo Silva. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 5-22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/47337>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FERRIÈRE, Adolphe. La psychologie bibliologique, d'après les documents et les travaux de Nicolas Roubakine. **Archives de Psychologie**, Genève, t. XVI, n. 61, p. 101-132, 1917.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. *In*: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 533-535.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

OTLET, Paul. A psicologia e as atividades da mente ou psicologia bibliológica. *In*: OTLET, Paul. **Tratado de documentação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018. p. 45-48. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32627>. Acesso em: 07 ago. 2022.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. v. 1.

RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevich. **Rubakin**: lotsman knijnogo moria [Rubakin: piloto do mar dos livros]. [Moskva]: Molodaia Gvardiia, 1979.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2019b. Disponível em: <https://revistas.ancixbz.org/index.php/tpbci/article/view/477>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 171-240.

SAVOVA, Elena. Avant-propos. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. v. 1. p. 7-18.

SAVOVA, Elena; ESTIVALS, Robert. Roubakine: fondateur de la bibliologie scientifique. *In*: ESTIVALS, Robert. **Petite anthologie francophone de la bibliologie**. Paris: Société de Bibliologie et de Schématisation, 1993. p. 71-80.

SENN, Alfred Erich. **Nicholas Rubakin**: a life for books. Newtonville, Mass.: Oriental Research Partners, 1977. (Russian Biography Series, 1).

SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and bibliopsychology. **Libri**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 118-129, 1966. DOI: <https://doi.org/10.1515/LIBR.1966.16.2.118>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/LIBR.1966.16.2.118/html>. Acesso em: 10 ago. 2022.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).